



Sivam (1995)

• O embaixador Júlio César Gomes dos Santos foi afastado da chefia do Cerimonial do Palácio do Planalto depois que uma escuta telefônica em sua residência levantou indícios de que estaria favorecendo a empresa americana Raytheon na licitação para a instalação do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam). Suspeito de encomendar a escuta, o então presidente do Inbra, Francisco Grazziano, foi demitido. A escuta revelou a intimidade do embaixador com o dono da Líder Taxi Aéreo, José Afonso Assumpção, representante no Brasil da Raytheon, empresa vencedora da licitação. O grampo também comprometeu o ministro da Aeronáutica, Mauro Gandra. Num dos telefonemas ao embaixador, Assumpção disse que Gandra se hospedaria em sua casa e lhe teria dado apoio para o Sivam. Gandra pediu demissão. Foi aberta uma CPI na Câmara, que concluiu, em junho de 2002, que Júlio César praticara tráfico de influência mas não propôs qualquer ação contra ele.



Pasta Rosa (1995)

• O banqueiro Ângelo Calmon de Sá foi o protagonista do escândalo do Banco Econômico, em agosto de 1995, quando o Banco Central decretou intervenção na instituição. No início de 96, o BC apurou um rombo de R\$ 7 bilhões, causado principalmente por empréstimos irregulares a empresas coligadas. Durante as investigações, foi encontrada no escritório de Calmon uma pasta rosa com recibos de contribuições financeiras a políticos. Em abril de 1996, o controle acionário do Econômico foi vendido pelo preço simbólico de R\$ 1 ao governo da Bahia, por intermediação do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Depois foi repassado ao banco de investimento Excel. O governo usou R\$ 10,5 bilhões do Proer, o programa de socorro oficial criado em 1995, no banco. O caso ainda está hoje na Justiça e o processo de intervenção próximo do fim, com a provável venda do que restou do banco.



Nacional (1995)

• O banco controlado pela família Magalhães Pinto sofreu intervenção do Banco Central em novembro de 1995, com a liqui-

2001



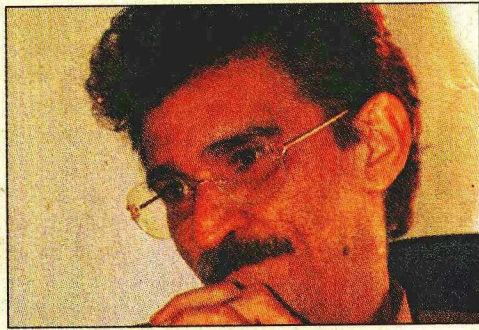
COM COVAS

• O presidente Fernando Henrique Cardoso visita o governador de São Paulo, Mário Covas, um dos principais líderes do PSDB, de cadeira de rodas por causa da luta contra o câncer. Covas morreria em 6 de março, pouco mais de um mês depois da visita

As pedras no caminho

Do começo ao fim, governo enfrentou crises provocadas por aliados ou adversários

dação sendo decretada no início do ano seguinte. O Nacional tinha uma dívida de R\$ 15,217 bilhões com o governo: R\$ 7,803 bilhões do Proer e R\$ 7,413 bilhões das reservas bancárias sacadas para atender os pagamentos do Nacional. O Unibanco, através do Proer, assumiu os clientes e as agências do Nacional.



Reeleição (1997)

• A denúncia de compra de votos de parlamentares para aprovação da emenda da reeleição para cargos do Executivo surgiu no início de 97. Em conversas com um misterioso Senhor X, que depois se soube ser o ex-deputado Narciso Mendes, os deputados Ronivon Santiago e João Maia, do PFL do Acre, disseram ter recebido R\$ 200 mil pelo voto e citaram como intermediários os governadores do Amazonas, Amazonino Mendes (PFL), e do Acre, Orleir Cameli (sem partido), e o ministro das Comunicações, Sérgio Motta. Também estariam envolvidos os deputados Osmir Lima (PFL-AC), Chicão Brígido (PMDB-AC) e Zila Bezerra (PFL-AC). Para evitar o processo de cassação aberto pela Câmara, Ronivon e Maia renunciaram. Osmir, Chicão e Zila foram inocentados em votação no plenário. Amazonino, Orleir e Motta não foram investigados.



Bamerindus (1997)

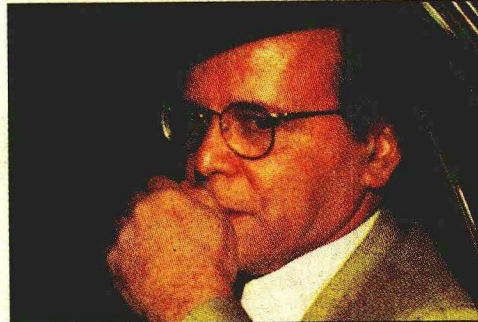
• O Bamerindus, do senador José Eduardo Andrade Vieira (PTB-PR), sofreu intervenção do Banco Central em março de 1997. O BC decidiu intervir no Bamerindus depois de buscar, por um ano, um acordo com Andrade Vieira. O banco devia R\$ 2 bilhões ao Banco do Brasil e à Caixa Econômica Federal. Andrade Vieira saiu do Ministério da Agricultura para poder dedicar-se às negociações e tentou até o fim manter o controle do banco, afinal vendido ao HSBC por R\$ 1 bilhão. O R\$ 1 bilhão restante foi coberto pelo Proer. O senador, aliado do



COM BUSH

• Fernando Henrique conversa com o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, na Casa Branca. Foi o primeiro encontro dos dois, para tratar da crise argentina

presidente Fernando Henrique e um dos primeiros a se engajar na campanha do então candidato, apelou ao presidente para tentar evitar a liquidação do banco, mas sem sucesso.



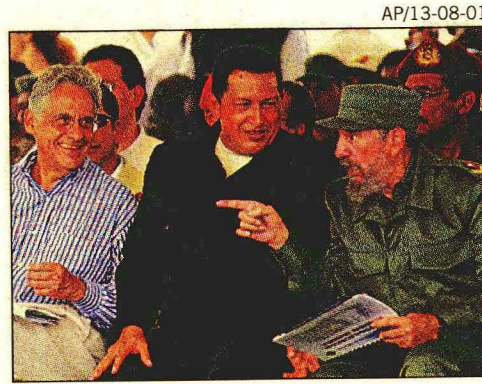
Grampo Telebrás (1998)

• Uma escuta telefônica no BNDES em julho de 1998 derrubou o ministro das Comunicações, Mendonça de Barros, ao dar margem a acusações de favorecimento na privatização da Telebrás. Nas conversas, Mendonça se refere ao consórcio Telemar (que arrematou a Telerj e mais 15 teles) como "telegangue" e faria gestões para ajudar o Banco Opportunity. Mendonça disse que as fitas foram editadas. Em maio de 1999, novas fitas da época foram divulgadas. O governo mobilizou os líderes da base política para reagir à tentativa de criação de uma CPI da privatização das teles, pedida pela oposição. Também foram divulgadas gravações de conversas do então presidente do BNDES, André Lara Resende, com o presidente Fernando Henrique Cardoso. As suspeitas de favorecimento jamais foram comprovadas. O processo para investigar os autores do grampo ilegal ainda está em tramitação.



Dossiê Cayman (1998)

• Às vésperas das eleições de 1998, surgiu a denúncia, que se comprovou falsa, de que o presidente Fernando Henrique, candidato à reeleição, e um grupo de tucanos seriam sócios de uma empresa de gaveta nas Ilhas Cayman, um paraíso fiscal do Caribe. O conjunto de documentos falsos foi montado para ser explorado politicamente por adversários dos tucanos e para ganhar dinheiro no mercado financeiro. O empresário Oscar de Barros disse, anos depois, que o dossiê foi montado em Miami para tentar impedir a reeleição de Fernando Henrique e lucrar no mercado financeiro. Barros revelou que os autores venderam o dossiê falso por US\$ 4 milhões a bra-



COM CHÁVEZ E FIDEL

• Fernando Henrique com os presidentes da Venezuela, Hugo Chávez, e de Cuba, Fidel Castro: à vontade com líderes de todos os matizes ideológicos.

sileiros da "Turminha de Miami" e que quem comandara a operação fora Luiz Cláudio Ferraz, procurador do ex-presidente Fernando Collor nos EUA. Ferraz acusou Barros pela montagem do dossiê. E disse que intermediou a venda para Leopoldo Collor, irmão do ex-presidente, por US\$ 4,2 milhões. Este teria vendido o dossiê para o ex-prefeito Paulo Maluf por US\$ 10 milhões. Maluf negou. O negócio teria sido intermediado pelo ex-senador Gilberto Miranda. A PF, que reabriu o caso depois da denúncia de Barros, deve ouvir Fernando Collor nos próximos dias.



Eduardo Jorge (2000)

• Secretário-geral da Presidência no primeiro mandato de Fernando Henrique, Eduardo Jorge Caldas Pereira deixou o cargo para coordenar a campanha da reeleição mas não voltou. Em 2001, voltou ao noticiário citado no escândalo do desvio de verbas da obra do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de São Paulo. Por pressão da oposição, foi chamado a depor no Senado e na Polícia Federal para explicar as denúncias, entre elas a de ligações com o juiz aposentado Nicolau dos Santos Neto, principal acusado do desvio de R\$ 169 milhões da obra do TRT. Disse que trocava telefonemas com Nicolau para tratar da nomeação de juizes para o tribunais. Investigado por comissão no Congresso, foi inoventado. Depois de mais de um ano de investigação, o Ministério Público não conseguiu formular denúncia contra ele.



Crise de energia (2001)

• De junho de 2001 a fevereiro de 2002 os brasileiros mudaram seus hábitos domésticos para conviver com o racionamento de energia. Com a estiagem dos meses anteriores, o nível dos reservatórios das usinas hidrelétricas caiu para um patamar abaixo do necessário para garantir seu funcionamento normal. Para especialistas, foi a falta de investimentos adequados na expansão da geração e da transmissão de energia no país que fez com que o abastecimento ficasse tão dependente do nível dos reservatórios. O país teria que diminuir em 20% o gasto de energia. O governo criou a Câmara de Gestão da Crise de Energia e marcou o racionamento para o início de junho instituindo metas de consumo. Em casa, lâmpadas incandescentes foram trocadas por fluorescentes e freezers e microondas foram desligados. No Nordeste, onde a economia foi menor, foi preciso instituir feriados para diminuir os gastos. Em outubro, os reservatórios acumularam água pela primeira vez desde o início do racionamento e, em novembro, a meta de redução de consumo foi diminuída.



COMO JÂNIO

• Em cerimônia de apresentação de oficiais gerais recém-promovidos, Fernando Henrique repete sem querer a famosa foto do presidente Jânio Quadros com os pés tortos no dia em que renunciou à Presidência da República, em 25 de agosto de 1961